

## CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: Madeira / Mogno  
Data: 02/05/94 Pg.: 3-5 177

# Inglês critica 'caos' na venda de madeira

*Funai e Ibama não se entendem sobre a exploração do mogno, afirma representante da indústria britânica*

**SÉRGIO MALBERGIER**  
De Londres

A indústria de madeira britânica está ameaçando parar de comprar o produto no Brasil devido à incapacidade do governo brasileiro de fiscalizar a origem da madeira exportada.

Terence Mallinson, que chefia

uma organização da indústria voltada à preservação das florestas, reclamou à *Folha* do "caos" na fiscalização da origem da madeira brasileira e apelou: "Brasil, por favor, resolva a situação".

As exportações de madeira do Brasil para o Reino Unido (basicamente mogno) chegam a US\$ 40 milhões por ano, diz Mallinson.

George Monbiot, ambientalista

e professor da Universidade de Oxford, discorda de Mallinson em quase tudo. Só concorda que o governo brasileiro é incapaz de fiscalizar a exportação de madeira.

"O Ibama e a Funai dizem coisas diferentes sobre o status da terra. Um diz que ela é terra indígena ou de preservação ambiental, outro que é passível de exploração", afirmou Mallinson.

"A Funai e o Ibama recebem um salário do governo para fazer uma coisa e um salário dos madeireiros para fazer o contrário", disse Monbiot à *Folha*.

Questionado se a indústria britânica estaria disposta a financiar uma fiscalização melhor da Amazônia, Mallinson disse que este financiamento já ocorre indiretamente com a compra da madeira.

Ele propõe a exigência de um selo ecológico, que ateste a origem legal da madeira.

Monbiot duvida das intenções de Mallinson e da indústria que ele representa. A organização que ele chefia é chamada *Forests Forever* (Florestas para Sempre), apesar de ser financiada pela indústria madeireira.

Monbiot, que pesquisou a Ama-

zônia por três anos e recebeu ameaças de morte de madeireiros, diz que os importadores britânicos "em vez de buscarem fontes limpas de madeira, querem legalizar fontes ilegais".

Segundo ele, os importadores assinaram um contrato com a Aimex (Associação de Exportação de Madeira do Pará) exigindo que ela só exportasse madeira legal.

## Campanha de 91 afetou importação

De Londres

O pesquisador e ambientalista britânico Georg Monbiot, 31, detonou uma violenta campanha no Reino Unido contra a importação do mogno brasileiro em 1991. As importações, de cerca de 100 mil metros cúbicos em 1989 e 1990, caíram para 35 mil metros cúbicos no ano passado.

Monbiot passou três anos pesquisando a Amazônia, principalmente o Pará e Rondônia, para seu livro "Amazon Watershed", publicado após sua volta ao Reino Unido, em 1991.

Ele concluiu que a exploração de mogno, mesmo sem dizimar a mata, abria uma rede de trilhas que mais tarde traz a destruição da floresta e morte de índios.

Junto com organizações ambientalistas como Greenpeace e Amigos da Terra, ele percebeu que pressionar o governo brasileiro não traria resultados. A estratégia escolhida foi mostrar ao consumidor britânico, através da mídia e manifestações, os efeitos que os móveis de mogno que compram causam na floresta Amazônica.

Monbiot e os grupos ecologistas acham que não adianta pressionar Brasília. Preferem direcionar sua ação diretamente aos consumidores britânicos, tentando conscientizá-los de que, ao comprarem produtos feitos com madeira brasileira, estariam estimulando o desmatamento e morte de índios. A tática vem dando resultados.

Além do livro, Monbiot escreveu artigos para o jornal "The Guardian" e produziu um documentário para a TV BBC.

A militância de Monbiot, hoje professor na Universidade de Oxford, lhe rendeu inimigos no Brasil e ameaças de morte pelo telefone, a última delas em 1992. Ele gostaria de voltar ao país, mas não por enquanto. "É muito perigoso para mim", disse à *Folha*. (SM)

## Exportador diz que respeita lei

**CLAUDIA VARELLA**  
Da Agência *Folha*

Danilo Remor, 48, presidente da Aimex (Associação dos Exportadores de Madeira do Pará), disse que os associados da entidade não negociam madeiras provenientes de reservas indígenas.

"Os associados fizeram um acordo em 92 para não comprar nem fazer negócios de retirada de madeira das reservas indígenas", disse. O acordo está em vigor.

Segundo Remor, os próprios índios "pressionam" os madeireiros para comprar madeira das reservas. "São eles (índios) que chegam a oferecer madeiras".

A Aimex tem 67 associados exportadores de madeira. "Eles representam 92% das exportações de madeira no Pará", afirmou. A principal exportação é de mogno.

Remor disse que desde 85 as empresas madeireiras associadas já plantaram 7 milhões de árvores mogno no sul do Pará.

O superintendente do Ibama, José Maria Gadelha, 40, disse que os madeireiros não entram em reservas indígenas em busca de mogno por causa da fiscalização.

"A fiscalização aplica multas elevadíssimas. Não compensa para as madeireiras explorarem as reservas", afirmou.

Segundo Gadelha, o órgão fez quatro apreensões de madeira ilegal em 93. O Ibama tem 350 funcionários no Pará. A indústria madeireira gera 300 mil empregos.

Para o administrador regional da Funai em Altamira, Benigno Pessoa Marques, 44, não existe controle na extração ilegal de madeira em reservas indígenas.

"Os madeireiros entram nas reservas para negociar o comércio de madeira com os índios", afirmou.

Segundo ele, é "impossível" evitar essas invasões. "A fiscalização ideal exige mais recursos e material humano", afirmou. A Funai tem 73 funcionários em Altamira para nove reservas indígenas.